

1969



3 DE FEVEREIRO

ANIVERSÁRIO DA MORTE DO
PRIMEIRO PRESIDENTE DA FRELIMO
CAMARADA EDUARDO C. MONDLANE



ANIVERSÁRIO do
ASSASSINATO de
EDUARDO MONDLANE

"POVO MOÇAMBICANO, lutemos unidos, sem divisões tribais, raciais nem religiosas, nós todos contra o inimigo comum - o colonialismo português e o imperialismo."

Dr. Eduardo C. Mondlane, 1º Presidente da FRELIMO



Eras o guia por nós
longamente esperado.
Esperámos-te - alguns de nós ingenuamente
como quem espera um deus seu conhecido,
ou talvez uma força estranha e misteriosa,
alguém que com o fulgor da palavra
ou a força do seu braço
màgicamente
num momento
realizasse o nosso sonho mais vital
- a liberdade.

E vieste.

Não trouxeste porém palavras mágicas.
Não prometeste milagres ao teu povo.
Trouxeste a tua convicção inabalável
o teu sentido humano
a tua visão justa do mundo
e das relações correctas entre os homens.
Trouxeste a ideia que nos iria unir,
a compreensão profunda e científica.

E assim,
sem magia mas

màgicamente
às vezes pelo fulgor da palavra
às vezes pela força do teu braço
às vezes pela ideia clara e certa
afirmaste-te como o guia

por nós

longamente esperado,
e abriste o caminho
para o nosso sonho mais vital
- a liberdade.



VIDA DE MONDLANE

EDUARDO C. MONDLANE, nasceu na província de Gaza, no sul de Moçambique, em 1920. Primeiro de sua família a receber uma educação formal, entrou para uma missão onde estudou a primária, mas devido a ser africano, a entrada no ensino secundário foi-lhe barrada. Contudo, aprendeu por si próprio o Inglês e conseguiu uma bolsa de estudo para frequentar o "high school" no Transvaal (África do Sul), donde entrou para a Universidade de Witwatersrand para o curso de Ciências Sociais. Devido às suas actividades políticas como organizador da Associação dos Estudantes Moçambicanos foi deportado para Moçambique onde foi preso e interrogado pela polícia. Foi eventualmente enviado para continuar os seus estudos na Universidade de Lisboa com uma bolsa de estudos americana. A polícia continuava a embarçá-lo, e os seus estudos tornaram-se impossíveis. Pediu a transferência da sua bolsa de estudos para os EUA onde concluiu B.A. em 1953 e preparou-se para tirar M.A. e Ph.D. em Sociologia na Universidade Northwestern, Illinois. Seguiu a investi-

gação em Harvard e empregou-se como investigador no "Department of Trusteeship" da ONU. Durante estes anos continuou o estudar os problemas políticos da sua terra e em 1961 voltou a Moçambique onde verificou que nada tinha mudado. Então, deixou as Nações Unidas e contactou com as organizações políticas no exílio. Convencido de que a unidade era necessária desde o princípio, esteve entre aqueles que ajudaram a unir os vários embriões e, em 1962, na jovem e independente Tanzânia (antiga Tanganica) realizou-se um congresso. A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) formou-se e o Dr. Mondlane foi eleito presidente. Dois anos depois iniciou-se a luta armada. Desde essa data, 25 de Setembro de 1964, vastas áreas do Norte de Moçambique foram libertadas do controle português. Mondlane, fez frequentes visitas às áreas libertadas e em 1968, realizou-se nas áreas libertadas do Norte de Moçambique o II Congresso da FRELIMO, que o elegeu presidente. Eduardo Mondlane foi assassinado por um livro-bomba enviado pela Pide, a 3 de Fev. de 1969



HOMENAGEM DA FRELIMO

Camaradas

Como nos anos anteriores, vimos neste dia prestar homenagem ao primeiro Presidente da FRELIMO, Camarada Eduardo Chivambo Mondlane, que foi bárbaramente assassinado pelo colonialismo português há 4 anos. Esta não é uma homenagem de rotina: é um acto solene através do qual nós reafirmamos a nossa dedicação à luta de libertação, e asseguramos ao Camarada Mondlane que o trabalho que ele iniciou, o ideal pelo qual ele deu a vida continua a ser realizado por aqueles que ficaram.

Este ano vimos dizer-lhe que a organização que ele estruturou cresce e ramifica-se constantemente, e cobre já todas as partes

de Moçambique, que a unidade pela qual ele tão arduamente lutou se reforça ainda mais, a Nação moçambicana é uma realidade. que a luta armada que ele preparou e iniciou conhece sucessos cada vez maiores - acabámos de cobrir toda a província de Tete e abrimos mais uma frente na província de Manica e Sofala, realizamos ataques de extrema importância contra cidades e centros fortificados do inimigo, e consolidamos as regiões libertadas. que o número de escolas e hospitais, campos cultivados está a aumentar e o seu funcionamento torna-se cada vez melhor. que não nos desviamos da orientação que ele traçou - o nosso inimigo continua a ser definido não em termos de raça ou nacionalidade ou cor, mas em termos de actividade contra o nosso povo; o combate pela emancipação da mulher continua a ser uma das nossas preocupações fundamentais; continuamos firmes na nossa posição de independência nas relações internacionais - rejeitando o paternalismo, aceitando só o auxílio que nos é dado sem condições, na base do respeito absoluto dos outros países pela nossa luta e pelo nosso povo. Vimos dizer-lhe que a nossa orientação continua a ser resolutamente revolucionária, e que estamos a trabalhar, decididamente para a nossa vitória final.

Comemoramos esta data a poucos dias da morte de um outro grande dirigente nacionalista africano, o Camarada Amílcar Cabral, Secretário-Geral do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, ele também assassinado pelo colonialismo português.

Há uma grande semelhança entre as mortes dos camaradas Eduardo Mondlane e Amílcar Cabral - quer nos meios utilizados pelo inimigo, quer nas razões, quer nos objectivos.

Ambos foram assassinados porque representavam a unidade do povo e a garantia de uma linha verdadeiramente revolucionária e popular que rejeita qualquer compromisso com o colonialismo e o imperialismo e assegura como fim primário da luta a satisfação dos interesses do povo. Isto tornou-os alvo no. 1 para o inimigo. Porque o colonialismo contara com a persistência das divisões tribais, regionais e raciais para continuar com a sua estratégia de "dividir para reinar" graças à qual conseguiu dominar os nossos povos durante tantos anos. Por outro lado, a prossecução da linha revolucionária e popular tirava aos colonialistas qualquer esperança de enganar o povo com uma independência fictícia de hino e bandeira, continuando a exploração como anteriormente.

Por isto assassinaram os nossos dirigentes. Com a sua morte, o nosso inimigo tinha em vista desorganizar o movimento de libertação e fazer parar a luta. Ou, pelo menos, mudar a orientação da FRELIMO e do PAIGC, fazendo-os encabeçar por dirigentes fantoches.

Mas falharam. Falharam porque quando os assassinatos ocorreram nos nossos países a revolução já estava em pleno processo, com a participação activa de todo o povo. E quando experimentou os frutos da revolução ele não volta atrás, não aceita nenhuma solução que sirva menos os seus interesses. Assim aconteceu em Moçambique, onde o povo forneceu novos dirigentes à FRELIMO, que continuam o caminho traçado pelo Camarada Mondlane, de maneira talvez mesmo mais radical. Assim acontecerá com o povo da Guiné e Cabo Verde, sob a direcção do PAIGC. O inimigo cometeu mais um erro - mas é a sua própria orientação e mentalidade que o leva a cometer esses erros e a repeti-los.

O Camarada Presidente Mondlane disse um dia num discurso que fazia ao nosso povo, que a questão que se põe não é de viver ou morrer: todos nós havemos de morrer, mais cedo ou mais tarde, e não podemos fazer nada para impedir isso. A questão que se põe, disse ele, é a de vivermos livres ou escravizados. Aceitaremos nós viver como escravos quando temos a possibilidade de, pelo nosso esforço alcançarmos a liberdade? O povo moçambicano dirigido pela FRELIMO, e o próprio Camarada Mondlane que era nessa altura Presidente da FRELIMO, deram a resposta em 25 de Set. de 1964, ao começarem a luta armada de libertação nacional, contra o colonialismo e o imperialismo. As vitórias que já alcançamos ao longo destes 8 anos, mostram-nos que o camarada Mondlane tinha razão, que o caminho certo é o que seguimos.

A luta continua...

PROGRAMA POLÍTICO DA

FRELIMO

"A FRELIMO formou-se para realizar na prática o que muitos povos por todo o mundo acreditam: a liberdade. Os nossos objectivos na luta de libertação são vários:

- conquistar a independência do regime colonial português;

- estabelecer uma sociedade livre da exploração do homem pelo homem;

- construir uma nova nação que aceite a realidade da nossa pobreza material, mas reconheça o espírito dinâmico de um povo livre.

Pretendemos atingir tais objectivos através de:

- uma luta armada;

- mobilização política do povo;

- um sistema de educação e de estabelecimento de estruturas concretas iniciando já os nossos planos governamentais.

A nossa vida assume dois aspectos principais: a luta armada contra o colonialismo português e a empresa gigante de construir uma nação nova - socialmente, economicamente, politicamente. Não vamos falar de toda a extensão do primeiro aspecto, embora o sucesso final da guerra contra a opressão portuguesa seja básico para a realização de uma sociedade livre. A nossa luta é uma luta prolongada. As nossas forças regulares de 15.000 homens e mulheres estão em luta contra 70000 tropas portuguesas. Quase 20.000 Moçambicanos que vivem nas aldeias são milícias treinadas para defender as áreas libertadas nas quais vivem. Os nossos recursos são reduzidos, para um total de trinta e cinco mil pessoas treinadas, menos de metade estão providas de armas para lutar contra o bem equipado exército inimigo.

Contudo apesar da insuficiência de equipamento, um terço do nosso país está directamente afectado pela guerra, e um quarto de Moçambique já está libertado. Isto foi um desagradável choque para as forças Portuguesas, e eles tentam desesperadamente conservar a terra e ainda ocupam. Eles têm amigos poderosos que os ajudam, mas nada pode esmagar a determinação do povo Moçambicano, quem tende provado os frutos da liberdade e da dignidade da auto-governança continuará a sua luta até que toda a nação esteja livre...

(In Mozambique Institute - 1972)



(cont: da pag seguinte)

derrota. Nós obtivemos vitórias porque os camaradas tem dado desinteresse pela vida pelo povo. Quando caem, deixam-nos a bandeira, de modo a que a levemos para a frente, para onde milhões de pessoas estão ansiosamente esperando a chegada da bandeira da liberdade.

Sejam os merecedores dos seus sacrifícios, vivamos para a esperança e confiança que o povo depositou em nós."

(Mensagem de Samora Machel ao Comando Político e Militar de Manica e Sofala em Julho de 1973.)

CONDIÇÕES DA NOSSA VITÓRIA

Para ganhar a batalha precisamos de aplicar os nossos princípios criativamente:

Estes princípios são:

1. Dar importância à nossa unidade. Compreender que os nossos sacrifícios são absolutamente vão sem unidade. Fazer com que a unidade exista na prática. A unidade torna-se uma força vivente através do compartilhar de experiências e dificuldades, através da discussão dos nossos problemas, da crítica e da auto-crítica do estudo colectivo.

2. Sabermos como é importante recrutar constantemente novas forças para a nossa causa. A PRELIMO aceita nas suas fileiras, sem discriminação, todos os Moçambicanos sem excluir raça ou cor que se sintam identificados com a nossa causa e estejam preparados para lutar contra o colonialismo.

O acto de capturar brancos, educá-los e depois libertá-los, tem-nos enchido de orgulho, porque isso tem mostrado que os camaradas sabem quem é o inimigo, e demonstra na prática de que a nossa luta é contra o colonialismo português e nunca contra o povo Português.

3. Damos importância à mobilização do

povo e elevar a sua consciência. Desenvolver constantemente o trabalho político e de organização no seio das massas.

Distribuir tarefas a todos os sectores da população, homens e mulheres, velhos e crianças.

Compreender que lanças e flechas também matam o inimigo. Armar o povo e organizar a defesa e protecção das aldeias, celeiros, terrenos de cultivo e currais. Se o inimigo vier, não partirá sem sofrer pesada punição. Buracos e árvores nas estradas também interrompem todo o tráfego.

4. Aumentar constantemente a consciência política no seio dos quadros e dos nossos soldados, fazendo compreender profundamente quem é o inimigo, sua brutalidade e natureza e fazê-los conscientes do significado e alcance da luta que estamos travando. Para desenvolver a consciência política é importante aumentar constantemente o nível dos conhecimentos científicos dos quadros e militantes e, acima de tudo, organizar classes de instrução em cada base, aplicando o princípio de "aprender uns com os outros". Um exército ignorante e vazio de consciência política encara uma derrota inevitável. Para os combatentes e quadros as-

sumir as suas tarefas e ser capazes de fazer uso próprio das armas cada vez mais complexas que temos, requer da parte deles contínuo aperfeiçoamento ideológico e aumento do conhecimento científico.

5. Ampliar a capacidade de luta do nosso exército, de modo que cada combatente possa lutar com dez inimigos.

Também deveremos ser capazes de dispersar as nossas forças mais para evitar o providenciar de alvos ao inimigo. Ao mesmo tempo castigaremos e puniremos o inimigo, destruindo-o enquanto está em movimento.

Assegurar treino constante, educação prática e técnica contínua, tácticas flexíveis, fazendo cada um completamente versado na nossa estratégia.

6. Não pode haver quaisquer momentos de ociosidade ou de descanso. As nossas forças devem estar constantemente ocupadas no combate físico e político contra o inimigo, política e cientificamente através do estudo militar e da produção. A ociosidade leva ao afrouxamento, trazendo mais cedo ou mais tarde a corrupção material e ideológica acompanhada pela falta de disciplina, pela anarquia, caos e

(continua na pág. anterior)

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FRELIMO

Camarcas,

Comemoramos hoje, dia 25 de Junho de 1972, o décimo aniversário da fundação da nossa Organização, a FRELIMO, a FRELITE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE.

Ná exactamente dez anos, militantes moçambicanos vindos de várias partes do nosso país juntaram-se para constituir uma organização capaz de unir esforços de todo o povo moçambicano oprimido, e dar um impulso decisivo à luta contra a dominação colonial portuguesa no nosso país.

Apesar de ter sofrido durante muitos anos o efeito da desunião, nascida da falta de conhecimento mútuo ou das contradicções aticadas pelo colonialismo, o povo moçambicano conhecia bem o valor da unidade. Era claro que o colonialismo português só tinha sido capaz de estabelecer e manter a sua dominação sobre todo o nosso país por causa da divisão que existiam no nosso seio.

Muitas revoltas e manifestações de protesto contra o colonialismo foram esmagadas porque se tratava de acções isoladas, sem ligação, e por isso, embora dispendo de forças numericamente inferiores o colonialismo pode vencer-nos.

Foi a compreensão desta situação que levou os militantes a juntarem-se em 25 de Junho de 1962 para porem em co um todas as suas capacidades e esforços, a fim de construir um instrumento de luta, capaz de derrubar a dominação colonial no nosso país.

Esta data marca por isso um momento importante no processo da unidade, que leva à construção de uma nação moçambicana independente, próspera e forte. É por issom

um momento alto na história da resistência do povo moçambicano contra a dominação estrangeira.

Foi esta unidade, que é a força motriz da nossa revolução quem nos permitiu realizar já um longo caminho: basta olhar para trás em exa inar o caminho percorrido para ter uma visão dos progressos realizados pelo povo moçambicano desde 1962 até hoje.

Em 1962, a dominação portuguesa estendia-se a todo o nosso país. Todos os moçambicanos estavam sujeitos a formas de exploração degradantes, desde o trabalho forçado, à exportação de homens para a África do Sul, à cultura forçada dos produtos agrícolas necessários para a economia do colonialismo. Os impostos pesadíssimos, os baixos salários, os maus tratos, a humilhação do racismo tornavam a vida intolerável. A maioria esmagadora dos moçambicanos nunca frequentaram uma escola. Os poucos africanos que iam à escola, eram submetidos a um processo que visava fazer deles pequenos portugueses de pele preta, renegando a história do seu povo, envergonhando-se dos seus costumes e tradições próprias. Em muitas regiões do nosso país, as populações nunca tinham visto um médico ou um enfermeiro e as epidemias e doenças alastravam-se, sem que nenhum tratamento fosse dispensado.

Por cima de tudo isto, e para garantir a continuação da exploração económica, da ignorância, da doença, pesava o aparelho da repressão colonial: o exército, a polícia, os administradores. O povo moçambicano estava privado do direito de formar um partido político através do qual pudesse exprimir as suas aspirações.



⑥

Se fizermos um balanço do que existe hoje, vemos que o povo moçambicano tomou nas suas mãos a construção do seu próprio destino: possui um partido que representa os interesses e que conduz o combate pela libertação total do país. Em 25 de setembro de 1964, com o desencadeamento da luta armada, abriu-se uma nova fase na nossa história: a partir deste momento as forças do povo moçambicano começaram a crescer e a consolidar-se, enquanto as forças do inimigo começaram a ser liquidadas progressivamente. O exército de libertação, que a princípio contava apenas com algumas centenas de militantes, conta hoje com milhares de combatentes bem treinados e bem armados.

No decurso destes anos, milhares e milhares de soldados colonialistas foram liquidados ou postos fora de combate, mais de 2.000 carros foram destruídos, dezenas de postos e bases do exército colonial foram completamente destruídos, cerca de 60 aviões e helicópteros foram destruídos ou abatidos no solo.

Mas não é só isto: em regiões extensas do nosso país a dominação colonial já não se faz sentir. Nessas regiões o povo moçambicano vive uma vida livre, produzindo para o seu benefício e não para os exploradores, participando activamente nos problemas da comunidade. Escolas foram criadas para combater o analfabetismo em que o colonialismo mantinha o povo moçambicano para melhor o dominar, hospitais e centros sanitários ajudam a combater as doenças e epidemias que no passado dizimavam milhares de moçambicanos. A personalidade moçambicana afirma-se plenamente baseada no desenvolvimento das tradições do povo moçambicano. Uma vida nova existe nestas regiões onde os vícios do colonialismo, do individualismo, da ambição, da corrupção são banidos.

Ao mesmo tempo o povo moçambi

cano afirma a sua personalidade jurídica e política no plano internacional. Em todo o mundo países, governos, organizações regionais e internacionais não só na África mas também na Ásia, na América Latina e na Europa reconhecem em número crescente na FRELIMO o representante autêntico do povo moçambicano e condenam o governo português pela sua política colonialista retrógrada. O reforço dos laços de irmandade combatente com os povos do mundo em luta insere-se no combate exaltante dos povos do mundo contra o colonialismo e o imperialismo.

Mas ao salientarmos o que conseguimos até agora, os progressos enormes que realizamos nos últimos dez anos da nossa história, não podemos deixar de lembrar que a batalha ainda não está ganha. O dia 25 de Junho de 1962 representa uma data importante no processo de liquidação do colonialismo e de consolidação da nossa unidade. É importante reforçar essa unidade cada vez mais para poder dar um novo impulso na realização de tarefas que ainda temos de enfrentar. Efectivamente em muitas áreas do nosso país o povo continua submetido à opressão colonial e exploração das companhias estrangeiras, ao trabalho forçado, aos impostos, às prisões.

É necessário por isso reforçar o nosso combate, estender as zonas libertadas para que o nosso povo em cada vez maior número possa beneficiar da vida de Moçambique livre. Às populações e aos combatentes das zonas libertadas cabe desenvolver cada vez mais nessas regiões, para que elas se possam tornar as verdadeiras bases de apoio para a extensão contínua da nossa luta. Para isso é necessário desenvolver na prática o espírito do auto-abastecimento, aumentando o nosso esforço e a nossa capacidade produtiva produtiva. As zonas libertadas devem ser também uma grande escola em que todos, jovens e velhos,

mulheres e homens, se esforçam por aprender cada vez mais, para melhor compreenderem a nossa política e a situação internacional e assim poderem dar uma contribuição cada vez maior à nossa luta.

As forças armadas devem ter sempre em mente que elas são uma emanção do povo, e que a sua força provém dos laços estreitos que eles souberem manter com as massas populares. No processo da luta é as forças armadas que cabe a gloriosa tarefa de defender intransigentemente os interesses do povo, força essencial e objectivo do nosso combate.

É a unidade a base das nossas vitórias, é pelo reforço da nossa unidade que nós poderemos levar a nossa luta a alcançar sucessos cada vez maiores.

Torna-se por isso necessário intensificar a vigilância contra as manobras que o inimigo procura desesperadamente levar a cabo, num esforço vão para conter o desenvolvimento da nossa luta.

O inimigo também compreendeu qual é a base da nossa força, e é por isso que ele reforça as suas campanhas contra a unidade do povo moçambicano tanto nas zonas libertadas como nas Zonas que ele ainda ocupa.

Entre as táticas utilizadas pelo inimigo, é importante salientar o tribalismo, o regionalismo e o racismo. A experiência da nossa luta tem-nos mostrado que o tribalismo, o racismo e o regionalismo não têm base real mas são sempre fomentados pela ambição e pela sede de poder. Pela sua utilização, o inimigo procura suscitar diferenciações no seio do nosso povo; outros métodos consistem na criação de pequenos grupos a quem se dão privilégios a fim de os isolar das massas e fazer deles agentes para a perpetuação da dominação colonial. É com este fim que as autoridades portuguesas adoptaram recentemente a política de elevar os salários de certos moçambicanos que eles pensam poder assim ganhar à sua causa. Diante do

do aumento irresistível das forças nacionalistas, e dado que as suas forças começam a escassear, o inimigo tem-se lançado ultimamente numa grande campanha de recrutamento forçado de elementos moçambicanos com o objectivo de se opor aos combatentes da FRELIMO:

O inimigo procura também subverter o carácter da nossa luta, tentando levar a população branca a participar activamente na guerra contra o nosso povo - já tivemos ocasião de denunciar a política colonialista de fixação de colonos nas terras férteis, de onde a população africana é expulsada, política que tem como objectivo transformar a nossa guerra em guerra racial, em guerra contra o homem branco. Com o mesmo intuito de subversão, o inimigo procura infiltrar agentes na nossa zona que disfarçados e vestidos como militantes da FRELIMO cometem crimes contra o povo com o intuito de desprestigiar a nossa organização.

É necessário por isso que todos os moçambicanos de todas as regiões, origens e raças, reforcem a sua vigilância contra estas manobras, através das quais o inimigo tenta prolongar a sua sobrevivência.

A todos os moçambicanos compete neste momento reforçar a unidade, consolidar a consciência nacional e aprofundar os objectivos do nosso combate.

Devemos por isso fazer um combate constante contra todas as manifestações de tribalismo, de regionalismo e racismo, que são minas colocadas pelo inimigo no nosso seio.

Devemos para isso procurar conhecer profundamente o nosso país, procurando conhecer outras regiões, convivendo com elementos originários de outras zonas, combatendo qualquer sentimento de superioridade ou de inferioridade no nosso seio, a fim de podermos conhecer-nos mutuamente, e mutuamente fundir as nossas tradições,



conhecimentos e experiências num tronco comum.

É reforçando a nossa unidade e definido correctamente os objectivos do nosso combate contra a dominação colonial e imperialista e contra a exploração do homem pelo homem, que poderemos assestar as nossas armas contra o inimigo verdadeiro. O nosso combate não se dirige contra o povo português, nem contra nenhum povo, qualquer que seja a cor da sua pele. O nosso combate visa a liquidação completa do sistema colonial e de todos os seus vestígios.

Por esta razão, A FRELIMO re-nova o seu apelo aos soldados portugueses do exército colonial para que cessem de ser instrumentos de um sistema de dominação que os oprime no seu próprio país, em que recusam participar numa guerra criminosa contra as legítimas aspirações do povo moçambicano à independência.

Aos soldados moçambicanos no exército colonial, a FRELIMO lembra que o seu dever é participar activamente na luta de libertação recusando ser cúmplices do opressor estrangeiro.

Aos moçambicanos que se encontram nas zonas ocupadas, a FRELIMO dirige os maiores encorajamentos e exorta-os a resistir às manobras do inimigo e a continuar a preparar-se para a luta armada.

A todos os moçambicanos, assim como aos povos de todo o mundo solidários da justa luta do povo moçambicano, a FRELIMO reafirma solenemente a sua determinação de prosseguir sem desfalecimentos o combate até à vitória final.

Ao comemorar o décimo aniversário da sua fundação, que representa um marco importante na nossa história a FRELIMO, em nome de todo o povo moçambicano presta homenagem sincera e comovida a todos aqueles que se bateram pela unidade e pela liberdade da nossa terra, a todos aqueles que se sacrificaram para fazer do nosso po-

vo, do nosso país, da nossa organização o que eles são hoje. Entre todos, ao Primeiro Presidente e fundador da FRELIMO, camarada Eduardo Chivanbo Mondlane, artesão incansável da nossa unidade, cujo exemplo de militância e sacrifício simboliza o espírito combatente do nosso povo, e cujos ensinamentos continuarão a guiar-nos no caminho da libertação completa do nosso país.

Reforcemos a nossa unidade, de terminação e espírito combativo, para fazer avançar a nossa luta e tornar assim mais próximo o dia da nossa vitória final.

VIVA O POVO MOÇAMBICANO UNIDO DO ROVUMA AO MAPUTO!

VIVA A MEMÓRIA INESQUECÍVEL DO PRESILENTE EDUARDO CHIVANBO MONDLANE!

INDEPENDENCIA OU MORTE
VENCEREMOS!

A LUTA CONTINUA...



COMBATER, PRODUZIR E ESTUDAR

Na fase presente, as principais palavras de ordem da FRELIMO são: combater, produzir e estudar. Não foi por acaso que a FRELIMO colocou o estudo ao lado do combate e da produção, como tarefa fundamental de todos os militantes da FRELIMO. Essa importância atribuída ao estudo resultou de uma análise profunda das condições concretas do nosso país e da nossa luta. Na base dessa análise, a FRELIMO concluiu que a preparação rápida de quadros é uma necessidade vital da nossa revolução.

Vários factores foram tomados em consideração. Por um lado, a situação criada pelo colonialismo português em Moçambique: 97 por cento do nosso povo é analfabeto, quer dizer, em cada cem moçambicanos só três sabem ler e escrever. E desses três por cento que tiveram oportunidade de frequentar a escola, só algumas dezenas têm instrução superior à 3ª classe - que o ensino nas missões não vai mais longe.

Ora, esta situação dificulta o desenvolvimento da luta, que a cada vez mais, exige quadros preparados para tomarem as responsabilidades das muitas e complicadas tarefas que o progresso da revolução faz nascer. Desde logo no plano militar: à medida que introduzimos armas mais aperfeiçoadas, por exemplo, necessitamos também de quadros mais qualificados para as manejarem eficazmente. A planificação estratégica, a compreensão e observância da linha política da FRELIMO no seio do exército, o funcionamento dos diversos serviços (reconhecimento, logística, etc.) são outras tantas tarefas que exigem quadros altamente preparados politicamente e tecnicamente.

No campo da reconstrução nacional essa exigência faz-se sen-

tir ainda com mais força. De facto, depois de expulsarmos os colonialistas de uma região, temos de estabelecer aí uma estrutura nossa. Mas quem vai fazer funcionar essa estrutura? Quem vai tratar o povo e os combatentes - feridos e doentes - nos centros de saúde? Quem vai ensinar nas escolas? Quem vai organizar a produção e o comércio? Quem vai cuidar dos infantários? Temos de ter quadros para todas essas funções. Caso contrário a revolução não pode andar, porque o povo e os combatentes não terão as condições necessárias para poderem prosseguir a luta.

Mas como aparecem os quadros? É claro que eles não caem do céu. Nem nascem da terra como as plantas. Nem são seres especiais, excepcionais. Os quadros são pessoas como quaisquer outras mas que se preparam politicamente e tecnicamente, elevaram o seu nível de consciência política, e cujo processo de educação é constante. E, precisamente, um dos elementos que eles utilizam na preparação, combinando-o com a prática, é o estudo.

Nas nossas condições concretas, em que poucos dentro de nós estimamos numa escola, a primeira fase da nossa preparação deve ser portanto aprender a ler e a escrever. Mas isso não basta. Se depois, de aprendermos a ler e escrever ficarmos inactivos, sem usar esse conhecimento, ele não nos servirá de nada: é o mesmo que receber uma PM e munições e guardá-las na mochila em vez de usá-las em combate. Saber ler e escrever é apenas um primeiro passo que nos permite depois, pelo nosso esforço, pelo estudo consequente, aumentar os nossos conhecimentos e melhorar a nossa formação. Devemos ler e estudar principalmente os documentos da FRE-

A VIDA NAS REGIÕES LIBERTADAS

A nossa luta avança, expande-se e consolida-se. Começámos a luta armada de libertação nacional em Setembro de 1964. Pouco tempo depois começámos a ter as nossas zonas libertadas. Hoje, as Províncias de Cabo Delgado e Niassa, e a região de Tete a norte do rio Zambeze, estão sob o controle da FRELIMO.

Esta situação, como não podia deixar de ser, determina muitas mudanças. Muitas perguntas nos têm sido feitas. Quando os nossos militantes vão mobilizar e organizar o povo numa zona onde a luta armada não começou ainda, o povo pergunta: "Como é a vida nas regiões libertadas? Há alguma diferença grande? Nós só conhecemos a vida de escravos que os colonialistas Portugueses nos fazem sofrer, não conhecemos nenhum outro modo de vida. Como vive o nosso povo nas zonas da FRELIMO?"

Para podermos dar uma resposta clara a estas perguntas, temos de ir um pouco atrás, ao momento em que a FRELIMO foi formada. No acto da criação da FRELIMO, foi solenemente declarado que o objectivo final da nossa luta é a criação duma sociedade nova, onde não seja possível a exploração, onde todos os homens sejam iguais e com direitos iguais ao progresso económico e social. E foi também explicado que essa sociedade nova, não pode ser construída enquanto o colonialismo português continuar a existir na nossa terra. E que portanto, como primeiro passo para o nosso objectivo final, temos de conquistar a nossa independência aos portugueses. Assim, a independência é um passo necessário para construirmos um Moçambique tal como o nosso povo o quer - moderno, orientado para o progresso económico e social, onde reine completa justiça e igualdade.

É por isso que nós temos de lutar com armas na mão: para destruirmos o colonialismo português, e conquistarmos o poder político que passará a pertencer ao povo Moçambicano e não mais ao Governo Português.

Uma vez conquistado esse poder político, começamos então a tarefa de construção da sociedade nova. E é precisamente isto que estamos a fazer. À medida que expulsamos os portugueses duma região, iniciamos imediatamente aí o trabalho de reconstrução nacional. Não temos que esperar que todo o nosso país esteja independente: começamos já a criar as condições de vida nova, fazer o povo conhecer e gozar desde já os frutos da revolução. Assim é que nas zonas que vão sendo sucessivamente libertadas nós abrimos escolas, estabelecemos hospitais, organizamos a produção agrícola, sendo todas estas e outras actividades dirigidas pelo próprio povo.

MAS QUAIS SÃO AS DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS ENTRE A SITUAÇÃO NAS ZONAS DA FRELIMO E A SITUAÇÃO NAS ZONAS DOS COLONIALISTAS?

São muitas, e absolutamente claras para todos. Por exemplo, ainda hoje os colonialistas em certas zonas quando viajam no mato são carregados nas costas de Moçambicanos, nas machilas. E não vai só o colonialista - ele carrega consigo a comida, panelas, trouxas - tudo isto os Moçambicanos têm de carregar nas suas costas, para comodidade do patrão. E se o moçambicano não aguenta, dá sinais de estar cansado, é chicoteado no próprio lugar. E não são distâncias de alguns metros ou quilómetros - são centenas de quilómetros com o colonialista às costas. Ao fim do dia, o carregador moçambicano recebe como alimentação só um pouco de farinha, e muitas vezes é chicoteado por não ter andado tão depressa como o patrão queria. Isto é humilhação extrema que os nossos irmãos têm de suportar.

POIS BEM, ISTO ACABOU NAS ZONAS DA FRELIMO: NÃO HA MACHILAS, NÃO HA PATRÕES, NÃO HA NINGUEM QUE OPRIMA OUTRA PESSOA.

Outra diferença importante diz respeito ao imposto. Não há nenhum moçambicano que, sob o regime colo-

lonial, não tenha sofrido por causa de impostos. Todos sabemos como os portugueses agem: eles fixam impostos muito altos, que sabem que os Moçambicanos não podem pagar, porque não têm meios para isso. Então os colonialistas prendem os Moçambicanos e obrigam-nos ao trabalho forçado, dizendo que o trabalho é para pagar o imposto. Os nossos irmãos são obrigados a trabalhar três meses, seis meses sem receber absolutamente nenhum dinheiro: no fim dos seis meses o administrador dá um papel dizendo que já pagou o imposto. Além das palmatoadas e chicotadas que quase todo o moçambicano sofre por não ter podido pagar esse imposto. Nas nossas zonas, onde a FRELIMO governa, isto acabou também: já não há nem sequer vestígios da exploração do homem pelo homem. Em certas zonas as populações há quase 7 anos não pagam imposto. Não há palmatória, nem chicote, nem administrador, nem cipaios.

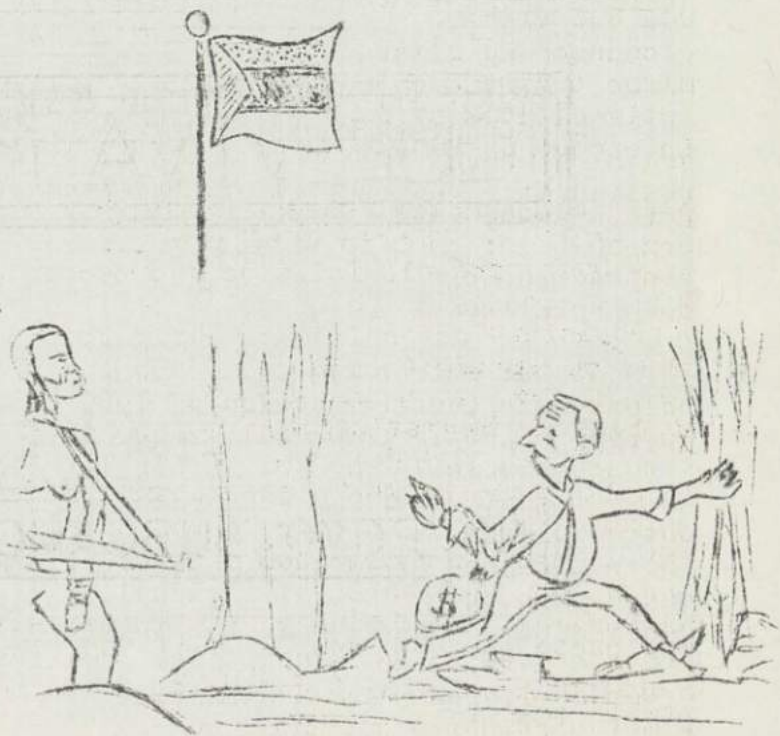
Outra diferença diz respeito à repressão policial. Nas zonas controladas pelos portugueses está agora mais aumentada ainda essa repressão. PIDE está furiosa como uma cobra que foi provocada, com os seus agentes em toda a parte prendendo, torturando e matando indiscriminadamente todo o Moçambicano que eles suspeitam de ter ideias nacionalistas. Não se pode falar nas zonas dos colonialistas há uma desconfiança total, o melhor amigo pode ser um pide e denunciá-lo. Existe assim um clima de terror a que ninguém pode escapar. E, as torturas são terríveis nas prisões: desde a pancada - forma mais simples - até ao isolamento, à chamada "ginástica", queimaduras e outras formas. Nas nossas zonas, quando algum pide tenta infiltrar-se, é liquidado pelo povo imediatamente. Não há prisões nem palmatória, nem torturas. Reina um clima de completa confiança e fraternidade.

Estas são apenas algumas das diferenças que se notam já nas zonas da FRELIMO em relação às zonas ainda dos colonialistas. Muitas mais diferenças há. Mas a situação que caracterizamos aqui, embora de maneira incompleta, é já suficiente para nos fazer compreender as vantagens da Revolução, os frutos que a Revolução já está a trazer ao nosso povo. Portanto, camaradas, vamos intensificar e estender a luta para as novas zonas, a fim de permitir que uma parte cada vez maior do nosso povo goze os benefícios da Revolução.

(continuação da pág. 9)
LIMO, que nos habilitam a conhecer o nosso movimento e o nosso país. Depois outros documentos e livros que nos dão uma visão global do mundo, em todos os seus aspectos.

Esta é uma tarefa extremamente importante - não é um privilégio, mas um dever de todo o militante da FRELIMO. Os que não prestam atenção ao estudo são inevitavelmente ultrapassados, não acompanham, ficam para trás no processo revolucionário. Eles permanecem sempre na fase daqueles para os quais fazer a revolução é só dar tiros e matar soldados portugueses. Sobre as razões e objectivos da luta, definição do inimigo, compreensão das suas responsabilidades - para eles isso não conta. Politicamente esta atitude é muito grave, pois, como o nosso Presidente camarada Samora Machel salientou quando falava numa reunião pública em Tete, esses camaradas são como criminosos, porque matam sem estarem conscientes de que o fazem na defesa dos interesses do povo.

Torna-se necessário assim combater a preguiça intelectual, intensificar o estudo, para estarmos aptos a assumir as responsabilidades cada vez mais altas que nos são impostas pelo avanço contínuo da nossa luta .



17

"NO POVO BUSCAMOS A NOSSA FORÇA"

Não basta que seja pura
e justa
a nossa causa.
É necessário que a pureza
e a justiça
existam dentro de nós.

Dos que vieram
e conosco se aliaram
mitos traziam sombras no olhar
motivos ocultos
intenções estranhas.

Para alguns deles a razão da luta
era só ódio: um ódio antigo
centrado e surdo
como uma lança.

Para alguns outros era uma bolsa:
bolsa vazia (queriam enchê-la)
queriam enchê-la com coisas sujas
inconfessáveis.

Outros viemos.
Lutar p'ra nós é ver aquilo
que o povo quer
realizado.
É ter a terra onde nascemos.
É sermos livres p'ra trabalhar.
É ter p'ra nós o que criamos.
Lutar p'ra nós é um destino
é uma ponte entre a descrença
e a certeza do mundo novo.

Na mesma barca nos encontramos.
Todos concordam - vamos lutar.
Lutar p'ra quê?
P'ra dar vazão ao ódio antigo?
P'ra encher a bolsa com o suor
do povo?

Ou p'ra ganharmos a liberdade
e ter p'ra nós o que criamos?

Na mesma barca nos encontramos.
Quem há-de ser otimoneiro?

Ah as tramas que eles teceram!
Ah as lutas que ali travámos!

Mantivemo-nos firmes: no povo
buscávamos a força
e a razão.

Inexoravelmente
como uma onda que ninguém trava
vencemos.

O povo tomou a direcção da barca.

Mas a lição lá está, foi aprendida:
Não basta que seja pura

e justa
a nossa causa.
É necessário que a pureza
e a justiça
existam dentro de nós.

QUE VIVA MONDLANE

Quando os colonialistas vão perdendo terreno, devido às crescentes vitórias alcançadas pelos povos oprimidos das colónias, utilizam uma prática terrorista - assassinar os dirigentes populares, esperando com isso desorganizar a resistência. Assim aconteceu com Eduardo Mondlane - Presidente da FRELIMO - em 3 de Fevereiro de 1969 e mais recentemente em 20 de Janeiro de 1973 com Amílcar Cabral - Secretário Geral do PAIGC.

Eduardo Mondlane foi um dos fundadores e grande organizador da Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO - em 1962. O núcleo inicial de militantes da FRELIMO a pouco e pouco foi-se espalhando por todo Moçambique, mobilizando e organizando o povo, criando as condições para o desencadearmento da luta de libertação nacional. Ainda durante a sua vida, várias zonas do Norte de Moçambique foram libertadas. Nestas áreas nasceu uma sociedade nova, onde uma nova organização administrativa, judicial, foi instituída. O sistema económico é novo e livre de toda a forma de exploração, e o povo

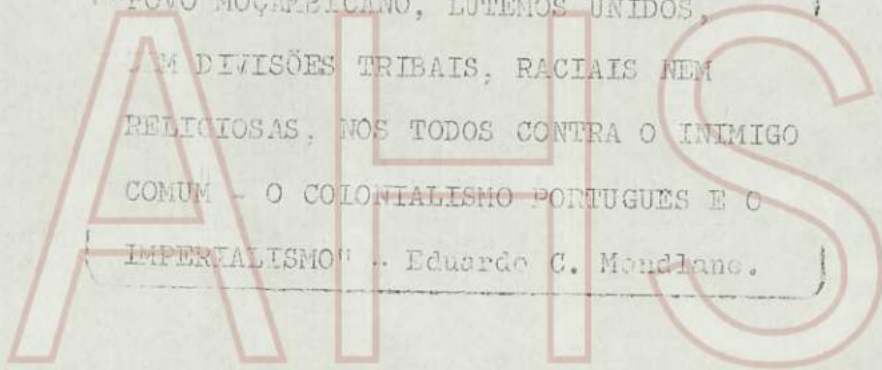
tomou nas suas mãos o seu destino. Todas as vitórias actuais da FRELIMO, com zonas libertadas em Tete, Niassa e Cabo Delgado, cuja acção se estende actualmente e com grande intensidade à provincia de Manica e Sefala, todos os grandes sucessos tanto a nível internacional como no da reconstrução nacional, estão ligados à forte personalidade e ao trabalho de Mondlane, inspirador do nacionalismo em Moçambique, organizador da luta e ao mesmo tempo símbolo de unidade de todo o povo no combate contra o colonialismo e imperialismo.

Ao assassiná-lo os colonialistas esperavam poder travar o progresso de luta, quebrar a unidade, desmoralizar os combatentes e o povo. Os colonialistas esqueceram-se que a luta de libertação não depende de um só homem, ela é obra de um povo decidido. Os colonialistas erraram os seus cálculos, pois, pelo contrário, o assassinato de Mondlane aumentou o ódio dos combatentes, reforçou a determinação do Povo Moçambicano e, como resultado, a luta avançou num ritmo mais rápido ainda. Mondlane criara já uma estrutura sólida, preenchida por militantes dedicados e conscientes, capazes de assegurar a continuação da luta para além da sua morte. A morte de um homem - não pode paralisar a luta de libertação de um povo pela sua emancipação.

Em Moçambique, e ainda com mais vigor a luta continua.

Saibamos aplicar e divulgar os ensinamentos do Grande Mondlane e a heróica luta da FRELIMO.

POVO MOÇAMBICANO, LUTEMOS UNIDOS,
SEM DIVISÕES TRIBAIS, RACIAIS NEM
RELIGIOSAS, NOS TODOS CONTRA O INIMIGO
COMUM - O COLONIALISMO PORTUGUES E O
IMPERIALISMO" - Eduardo C. Mondlane.



Grupo de divulgação das lutas dos povos oprimidos